



RESISTÊNCIA: UM OÁSIS NO DESERTO DO DISCURSO DE ÓDIO

Thiago Alves França¹

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Neste texto, a partir da Análise de Discurso materialista, retomam-se algumas discussões realizadas pelo autor acerca do discurso de ódio. Em seguida, apresentam-se algumas considerações sobre a construção do *corpus*, composto por quatro Sequências Discursivas que retomam uma postagem específica realizada no Facebook. Sobre esse material, que aponta a relação interdiscursiva entre a Formação Discursiva do discurso de ódio e uma Formação Discursiva político-partidária, desenvolvem-se alguns gestos de análise, destacando como as Sequências Discursivas textualizam discursos de resistência ao discurso de ódio, pensando a resistência como aquilo que se produz a partir de falhas no ritual ideológico, sem necessariamente atribuir tais práticas ao voluntarismo de sujeitos.

Palavras-chave: Discurso de ódio. Resistência. Posições de sujeito.

RESUMEN

En este texto, basado en el Análisis materialista del Discurso, se readunan algunas discusiones mantenidas por el autor sobre el discurso de odio. A continuación, se presentan algunas consideraciones acerca de la composición del corpus, compuesto por cuatro Secuencias Discursivas que retoman una publicación específica realizada en Facebook. Sobre este material, que señala la relación interdiscursiva entre la Formación Discursiva del discurso de odio y una Formación Discursiva político-partidista, se desarrollan algunos gestos de análisis, destacando cómo las Secuencias Discursivas textualizan los discursos de resistencia al discurso de odio, pensando en la resistencia como aquella que se produce a partir de fallos en el ritual ideológico, sin necesariamente atribuir tales prácticas al voluntarismo de los sujetos.

Palabras clave: Discurso de odio. Resistencia. Posiciones de sujeto.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Posso eu, sem armas, revoltar-me?”
(Carlos Drummond de Andrade)

Durante meu processo de doutoramento, desenvolvendo minha tese, analisei diferentes Sequências Discursivas² que materializavam o discurso de ódio e/ou que discursivizavam sobre ele.

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: thiagufsa@gmail.com

² As Sequências Discursivas resultam da tomada de posição do analista. Posso dizer que, no caso deste trabalho, quando os comentários selecionados foram referidos às suas condições de produção, esses comentários foram “convertidos” em Sequências Discursivas. A noção de discurso apresentada por Pêcheux ([1976] 2012) também colabora para uma definição possível de Sequência Discursiva, que seria “[...] uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos”



Aqui, especificamente, eu retomo alguns pontos importantes do que tenho desenvolvido sobre discurso de ódio desde a tese, faço considerações acerca da especificidade da composição de meu *corpus* analítico (apresentado no próximo tópico), e desenvolvo, a partir da Análise de Discurso materialista, alguns gestos de interpretação em relação a este material, destacando o funcionamento de um certo discurso que produz efeito de resistência, que tenta “educar” e/ou problematizar em relação ao discurso de ódio produzido no Facebook por sujeitos identificados com determinada posição do que se conhece, na fala cotidiana, como “espectro político”.

Eu disse, mais de uma vez, no texto da tese, sobre a ausência de uma noção discursiva de discurso de ódio, embora existam noções mais ou menos estavelmente formuladas em outros domínios, como o do Direito (FRANÇA, 2019a). Pelo caminho percorrido para a produção da tese, pude formular uma noção de discurso de ódio. Com a minha formulação, não tive nem tenho nenhuma pretensão de querer ser definitivo, e não por modéstia, mas por entender que todo dizer, isto é, toda formulação é disciplinada por determinadas condições, e que estas lhe impõem, inclusive, limites. A maneira como acessei o Facebook, o modo como tomei-o enquanto Arquivo, a própria constituição do campo discursivo de referência (Courtine [1981] 2014, p. 54) de onde selecionei enunciados que foram lidos como Sequências Discursivas, tudo isso dizia e segue dizendo sobre a especificidade de um trabalho que só pode formular uma noção também “particular” de discurso de ódio.

A noção que formulei (FRANÇA, 2019a), e com a qual sigo lidando (FRANÇA 2019b; 2019c; 2021a; 2021b; LIMA; FRANÇA, 2023), fazendo pequenas alterações aqui e ali conforme variam os materiais analisados e se ampliam as descobertas teóricas, é de discurso de ódio como um processo produzido na relação entre as posições A e B da Formação Discursiva do discurso de ódio, e que é caracterizado por dois movimentos: a desumanização³ do outro (o que se dá a partir de um jogo imaginário/ideológico) e a naturalização do tratamento “adequado” ao outro já desumanizado. Então, quando, numa análise, um determinado enunciado que discursivize sobre um tratamento violento contra o outro puder ser associado a um jogo imaginário/ideológico por meio do qual a dignidade desse outro vai sendo subtraída até fazer dele algo distinto, indesejado, desumano, aí é possível falar, segundo minha reflexão, em discurso de ódio.

Quando falo em A e B para dizer sobre sujeitos do discurso de ódio, estou me referindo a como Pêcheux ([1969] 2010) pensou a representação dos lugares em determinada estrutura de uma formação social. Segundo ele, os lugares A e B não devem ser confundidos com propriedades individuais. Pêcheux ([1969] 2010) fala, então, em pontos A e B quando define discurso como “efeito de sentidos”; discurso como um efeito de sentidos que se produz entre os pontos A e B, protagonistas do discurso. Como essa noção de discurso é formulada como um modo alternativo de

(PÊCHEUX, [1976] 2012, p. 214). Ainda, em certo sentido, Sequências Discursivas podem ser pensadas como “unidades” de análise, que, em conjunto, compõem o material analítico.

³ O que estou chamando de desumanização é resultante de um processo imaginário/ideológico por meio do qual o outro é interpretado como indesejável. Então, com essa designação, pretendo destacar que um certo “pacto” de ver o outro como semelhante, por isso digno e respeitável, é quebrado. Também é importante, nessa compreensão, a definição de Rego (2014, p. 7), para quem a desumanização refere-se ao “[...] conjunto de discursos e práticas violentas que tentam, dentro das relações de opressão, apresentar determinados seres como não-participantes da ‘mesma humanidade’ dos outros. Essa distinção, em princípio, serviria para justificar a violência contra aqueles que não fazem parte do modelo de humanidade adotado”.



pensar o esquema comunicacional/informacional⁴, mas fugindo das aporias que ele traz consigo, os pontos A e B não são nem fixos nem representam atividade e passividade; correspondem, na verdade, a uma maneira de se referir a posições igualmente importantes (protagonistas) e que podem ser, em tese, intercambiáveis.

Especificamente pensando o processo do discurso de ódio, e entendendo que o efeito de desumanização se (re)produz vinculado a um movimento desse processo, estou chamando de ponto A o sujeito a quem, analiticamente, afirmo que é o desumanizador, e de ponto B, o sujeito a quem estou chamando de desumanizado. Essas duas posições são maneiras de constituir-se como sujeito do discurso de ódio no processo discursivo vinculado à Formação Discursiva do discurso de ódio.

Pela especificidade da composição do Arquivo com o qual trabalhei, foram bastante regulares textos que discursivizavam sobre a política institucionalizada e sobre políticos. Dito de modo mais direto, o discurso de ódio era produzido motivado também por aspectos dessa política e/ou dirigido contra políticos. O *corpus* que compus e analisei na tese apontava, muito regularmente, que a posição A – de sujeito do discurso de ódio – é ocupada por sujeitos digitais que, político partidariamente falando, tornam-se sujeitos também em diferentes posições do chamado “espectro político”.

Na tese, já aludida algumas vezes, eu chamava de “usuários-sujeitos” os sujeitos que postam no Facebook. No entanto, depois, pareceu-me que o significante “usuário” poderia sugerir um momento anterior ao da interpelação ideológica, o que não seria adequado, considerando o pressuposto de que todo indivíduo, na verdade, é sempre já-sujeito (ALTHUSSER, [1969] 2008). Aqui, então, também tentando evitar essa aparente dificuldade que “usuário” supostamente produz, estou preferindo chamá-los de sujeitos digitais.

Sujeito digital é aquele sujeito que, interpelado pelo digital, torna-se sujeito da/na cultura digital, realizando práticas nessa dimensão, o que é uma possibilidade advinda tanto da digitalização da realidade quanto da massificação do acesso à Internet. Decido, como eu disse, não falar simplesmente “usuário” por compromisso com a tese althusseriana, que é um pressuposto da Análise de Discurso, segundo a qual somos sempre já-sujeitos, isto é, o sujeito (sempre já interpelado) torna-se ainda sujeito em outras posições. Com essa decisão, pretendo poder chamar atenção para o fato de que sujeitos interpelados em sujeitos digitais tornam-se ou podem se tornar sujeitos também do discurso de ódio, mas que não há uma sobreposição necessária entre ser sujeito digital e ser sujeito do discurso de ódio.

Uma “descoberta” analítica da tese foi que o discurso de ódio pode ser produzido não só por sujeitos de (extrema)Direita, mas também por sujeitos de Esquerda. Sendo assim, eu disse, na tese, que a Formação Discursiva político-partidária podia ser compreendida como interdiscurso (específico)⁵ (COURTINE [1981] 2014) da Formação Discursiva do discurso de ódio, de modo que eu tratei sobre um ódio que se manifestava à Direita e também à Esquerda.

⁴ Esquema insuficiente para a Análise de Discurso, criticado por Pêcheux ([1969] 2010), cujo funcionamento pressupõe que a mensagem resulta do seguinte processo: “alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a” (ORLANDI, 2002, p. 21).

⁵ Em Análise de Discurso, há duas grandes maneiras de compreender o interdiscurso. Uma, mais teórica, filosófica, segundo a qual o interdiscurso é esse “lugar” anterior e anônimo que condensa e (in)disponibiliza o que foi dito, esse todo complexo do qual a Formação Discursiva é uma “região”; e outra, mais operacional, sendo neste último que se pode falar no interdiscurso específico de uma Formação Discursiva, pensando interdiscurso não numa totalidade abstrata, mas em Formações Discursivas que se avizinham, dando contorno e até especificidade à Formação Discursiva que está sendo posta em análise.



Eu disse que, nesse sentido, o discurso de ódio produzido por sujeitos digitais que são também sujeitos político-partidários que, por exemplo, podem se identificar com a Direita ou com a de Esquerda⁶, em relação aos dois movimentos que descrevi – a desumanização, mas também a perda de piedade animal⁷ (ARENNDT, [1963] 1999), e a naturalização do desejo pela morte do outro – funciona, em alguns aspectos, da mesma maneira. Como nos disse Aguinis (2003, p. 18), “nada se parece mais a un hombre enfurecido que otro hombre enfurecido”.

Existe, contudo, uma diferença (eis o “oásis”) que, aqui, vou destacar, e que diz respeito ao modo como reagem alguns sujeitos digitais subjetivados como sujeitos de Esquerda diante do discurso de ódio produzido por seus pares, isto é, por outros sujeitos digitais que, político-partidariamente, se subjetivam também como sujeitos de Esquerda. O que estou afirmando é que existe, em relação a determinados sujeitos digitais politicamente subjetivados como de Esquerda, uma não identificação⁸ com a posição de sujeito do discurso de ódio, mais precisamente, uma não identificação com a posição A (desumanizador), o que os leva a uma reação contrária à manifestação do discurso de ódio quando produzido por sujeitos digitais que, concomitantemente, são sujeitos em posição de Esquerda. Isso não quer dizer que tal reação seja impossível para, por exemplo, sujeitos digitais de Direita, mas não houve ocorrências na textualidade que acompanhei nas postagens do Facebook. Nas publicações que, por exemplo, pediam a morte dos petistas, não encontrei, entre os sujeitos digitais de Direita, reações como as que apresentarei na rede a seguir, composta por quatro Sequências Discursivas.

1 SOBRE O CORPUS E SUAS CONDIÇÕES DE COMPOSIÇÃO

Fiz, na tese, uma reflexão sobre a especificidade do material com o qual eu estava lidando. Havia, como é necessário, uma ressalva, que é, antes, um pressuposto teórico para a Análise de

⁶ Um modo de entender Esquerda e Direita, a partir de Bobbio (2011, p. 123) – para quem “a distinção entre esquerda e direita refere-se ao diverso juízo positivo ou negativo sobre o ideal da igualdade” – diz sobre a maneira como estas se relacionam com sujeitos subalternizados, ou, simplesmente, com as minorias políticas. Nesse aspecto, há algo importante de destacar, que é a presença de uma “memória ferida” (FRANÇA, 2019a, a partir de Ziegler, 2011) na produção de discurso de ódio. A memória ferida aponta para a sistematicidade da violência contra grupos específicos; há grupos historicamente mais vulneráveis, afastados para as bordas da marginalidade. Não há reversibilidade provável, o que quer dizer que as minorias políticas são sempre as mesmas minorias políticas. Então, a vulnerabilidade de uma minoria constituída como sujeito do discurso de ódio na posição B (desumanizado) não é a mesma a que está exposta uma não minoria, mesmo que também sofrendo o discurso de ódio na posição B. Essa memória sistemática da dor produzida estruturalmente contra alguns – e são sempre os mesmos, as minorias – exige de mim que eu faça esta ressalva: os procedimentos podem ser os mesmos, independentemente de quem seja o sujeito digital desde que constituído como sujeito na posição B da Formação Discursiva do discurso de ódio, mas a gravidade, o risco e a possibilidade de que essas práticas virtuais avancem além do *on-line* não são indiferentes ao fato de o alvo ser ou não uma minoria política. Nossa história tem nos mostrado que nossa violência é, sim, amplamente tolerada, desde que disparada contra alvos específicos, e nós sabemos quem são os alvos preferenciais.

⁷ Arendt ([1963] 1999) refere-se à “piedade animal” como aquilo que experimenta “todo homem normal em presença do sofrimento físico” (ARENNDT, [1963] 1999, p. 122). A autora pergunta-se sobre como, em algumas circunstâncias, é possível superar essa “característica”. Bauman ([1989], 1998), por sua vez, comentando o Estado nazista, refere-se a Arendt para afirmar que o regime nazista conseguiu superar a “piedade animal”, isto é, “conseguiu superar o mais formidável obstáculo ao extermínio sistemático, proposital, não emocional e a sangue-frio de pessoas, velhos e jovens, homens e mulheres” (BAUMAN, [1989] 1998, p. 146). Superar a piedade animal implica, portanto, estar em um estado de anestesia em relação à “dor” do outro.

⁸ Decidi não falar em “desidentificação”, porque entendo que essa modalidade de tomada de posição subjetiva, sobre a qual nos fala Pêcheux ([1975], 2009, p. 201), pressupõe uma identificação anterior com a posição com a qual se rompe. Não é o caso, ou, pelo menos, não é possível afirmar. Ver, também, a nota 10.



Discurso materialista: os discursos são processos, cujos início e fim são improváveis/impossíveis de recuperar e definir. Mas também havia uma especificidade daquilo que eu selecionava a partir do que era o possível da seleção, que teve como ponto de partida o meu perfil no Facebook. Na época, eu não falei sobre algoritmos, mas era sobre isso que, sem nomear, eu me referia: uma espécie de conformação do possível de (não)ser acessado, como que uma configuração específica para meu perfil, que criava uma realidade por ser vista/acessada e, então, selecionada para a análise. Em certo sentido, houve uma sobredeterminação do tecnológico em relação ao Arquivo com o qual lidei.

Mais de uma vez, no texto da tese, eu esclareci sobre minha noção acerca da parcialidade do que selecionei e analisei. Falava sobre o fato de acessar mais umas páginas que outras, de ter mais amigos com tais características que outras, de maneira que o que chegava até mim dizia muito sobre o modo como eu fui configurando a minha conta (mas também sobre o modo como ela foi sendo configurada) e as relações que ali se estabeleciam. Isto é, o que chegava (e, principalmente, o que continuou chegando) até meu *Feed* de notícias, mesmo quando não era de minha autoria, poderia muito bem ter sido.

O que estou dizendo também aqui é que é muito regular que eu me relate por identificação ao que é postado nas páginas que sigo, nos grupos dos quais faço parte, e em relação ao que postam meus amigos seguidos. Isso tudo, de alguma forma, regulou o que eu vinha selecionando para constituir o *corpus* da tese⁹. De alguma maneira, o material que apresento abaixo também pode estar relacionado à homofilia¹⁰ de/em minhas relações.

As Sequências Discursivas abaixo correspondem a comentários reativos de sujeitos digitais de Esquerda, que orientam seus pares, outros sujeitos digitais de Esquerda. Todos esses enunciados foram produzidos na textualidade de uma postagem feita pela página “Esquerda Progressista”, no Facebook, em 13 de abril de 2018, que replicava uma reportagem do site “globo.com”, que tratava da entrada do então deputado federal Jair Bolsonaro no hospital, depois de ter passado mal. Vejamos as Sequências Discursivas:

(1) Não tenho qualquer apreço pelo cidadão em questão; pelo contrário. Mas desejar a morte de alguém é praticar o mesmo discurso de ódio que alguns dos seguidores dele [Bolsonaro] praticam. Entendi sua consternação, mas acredito que temos outras formas de demonstrar inconformismo com o cenário político. Discurso de ódio não traz vantagens.

(2) Pessoa, vamos parar c isso! Não somos fascistas como eles... deixa o ódio p quem tem! Diferentemente deles, não vamos invadir dessa forma a integridade

⁹ A composição do material a partir do espaço virtual traz questões específicas que precisam ser encaradas por analistas de discurso. “Como lemos afetados pela produção seriada (e algoritmizada) das textualidades?”, nos pergunta Dias (2023, p. 261). A autora chama a atenção para o espaço que as “máquinas algorítmicas” ocupam, hoje, nessa construção de uma nova perspectiva de leitura. Não acredito que este meu texto traga respostas a essa pergunta, mas ele apresenta sintomas dessas questões, com as quais nós, analistas de discurso, vamos tendo que lidar. Se o modo como se lê, se interpreta, se comprehende o mundo está sempre condicionado (ainda que o que condiciona possa variar consideravelmente), como temos lido o que se produz no digital, sendo, nós mesmos, sujeitos interpelados como sujeitos também nesses espaços digitais?

¹⁰ Por homofilia, Recuero (2012) refere-se ao efeito de homogeneidade que a afinidade entre sujeitos digitais produz. Homofilia diz respeito, então, ao que se tem chamado, em discussões sobre sites de redes sociais, de “bolhas”, cuja especificidade é aproximar sujeitos digitais com posicionamentos, por exemplo, políticos semelhantes e afastar os diferentes (FRANÇA; GRIGOLETTO, 2018).



deles, como cansam de fazer com o lado de cá! Se usarmos as mesmas armas deles, em nada seremos superiores; estamos igualados a eles!

(3) Eu não me rebaixo ao nível dele. Não desejo a morte de ninguém, nem a dele, apesar dele ser um ser que merece repúdio.

(4) Fazer troça com problema de saúde não é correto, gente. Seja quem for!

2 GESTOS DE ANÁLISE

As duas primeiras Sequências Discursivas da rede retomam diretamente um comentário específico, produzido no Facebook. Como farei algumas considerações sobre ele, pô-lo-ei em destaque:

Ele [Jair Bolsonaro] podia morrer. Não estou nem desejando sofrimento nem nada semelhante, apenas que ele morresse antes das eleições para que pudéssemos ter um futuro, uma esperança.

O sujeito digital afirma que Jair Bolsonaro “podia morrer”, no sentido de que seria bom que ele morresse. O modo como o sujeito dá seguimento à sua postagem mostra que existe um certo desconforto com a posição A de sujeito do discurso de ódio, a posição de desumanizador. Ele se explica, dizendo que não está “nem desejando sofrimento nem nada, apenas que ele morresse antes das eleições”. Parece-me que o ritual que produz o sujeito do discurso de ódio, o ritual ideológico, apresenta indícios de sua falha nessa Sequência Discursiva. E é importante destacar esse aspecto, porque, na falha, na quebra do ritual ideológico, reside a possibilidade de resistência (PÊCHEUX, [1982] 1990).

Para falar sobre a falha, preciso dizer, explicitamente, o que estou entendendo como funcionamento regular, isto é, sem falha mostrada. Na tese (FRANÇA, 2019a), mostro como é regular que o sujeito digital constituído como sujeito do discurso de ódio na posição A se sinta autorizado para desumanizar e verbalizar o desejo pela morte do outro (B) sem usar artifícios, porque o efeito da perda da piedade animal e o jogo imaginário que antecedem essa verbalização funcionam de duas formas diferentes: como autorizador da violência contra o outro, e como forma de preservação da autoimagem positiva. Sendo assim, na posição A (desumanizador), o sujeito do discurso de ódio não precisa apresentar “desculpas”, porque elas o acompanham e o antecedem.

No caso do comentário, falo em falha no ritual, porque o sujeito digital parece precisar justificar por que deseja a morte, e dizendo que não se trata de tortura ou de causar dor ao outro (“nem sofrimento, nem nada”). É preciso dizer, com todas as letras, para que esse desejo de morte do outro não macule a autoimagem positiva do sujeito, que só deseja a morte de Bolsonaro para que “pudéssemos ter um futuro, uma esperança”. É um motivo digno, e que é apresentado como um bem coletivo. Nesse sentido, esse comentário remonta a uma série de Sequências Discursivas que, na tese, eu discuti e que justificavam a morte de petistas em nome de nacionalismo, da defesa da sociedade e da família (FRANÇA, 2019a). Ou seja, o ódio, já metamorfoseado, é tornado elevado, nobre (LIICEANU, 2014), por isso, palatável e aceito.

Diferente da série à qual eu me referi no parágrafo acima, no comentário em tela, existe, parece, um esforço do sujeito digital em não ser reconhecido como sujeito do discurso de ódio (na



posição A). Ou seja, o ritual ideológico que é responsável pela imagem de desumanização do outro, e que, pela discussão que faço também na tese, cria terreno, isto é, autoriza toda sorte de violências contra o outro, esse ritual parece ter falhado, e falhado justamente porque o imaginário não bastou enquanto argumento. Foi ainda necessário que o sujeito dissesse, em outras palavras, que desejar a morte de Bolsonaro não significaria “bem isso o que a gente estava pensando”. Há, então, segundo comproendo, no comentário em tela, uma contraidentificação¹¹ desse sujeito digital, que entra em atrito com o autorizado pela posição A na Formação Discursiva do discurso de ódio. Embora contraidentificado, é ainda como sujeito do discurso de ódio que o sujeito digital posta seu comentário.

Tenho pensado que a contraidentificação não é algo que se realiza originalmente em uma Formação Discursiva, internamente, ainda que a pensemos como porosa (INDURSKY, 2007). O que se chama de contraidentificação seria, antes, efeito de alguns “ecos” que se realizam em uma dada Formação Discursiva (no caso, a do Discurso de ódio), mas que são devidos a outras identificações que constituem o “indivíduo” em sujeito em outras posições, em outras Formações Discursivas. Um sujeito digital, por exemplo, para (re)produzir discurso de ódio, constitui-se como sujeito numa Formação Discursiva do discurso de ódio, mas também pode ser sujeito numa Formação Discursiva religiosa, Humanista, ou tensionar com elas, entre outras.

Pensando no comentário, o desconforto que o sujeito digital experimenta na relação conflituosa com o saber possível de uma Formação Discursiva do discurso de ódio deve-se, nesse exemplo, à identificação com outra Formação Discursiva. Então, o indício que se tem para que se fale sobre contraidentificação seria o que, na Formação Discursiva do discurso de ódio, ecoa produzindo efeitos, mas sendo “originário” de outra Formação Discursiva, a religiosa cristã, e/ou, na falta de um nome melhor, uma Formação Discursiva humanista, que poderia ser caracterizada pelo zelo com a dignidade do outro, por exemplo. E, aqui, é interessante pensar o gesto de resistir como aquilo que se faz aproveitando “todas as brechas, rachaduras, abertas pela discursividade e, nesses espaços, tecer sentidos/discursos outros possíveis. E é justamente pelas fendas abertas/deixadas pela dominação que o resistir se molda” (PRUINELLI, 2020, p. 255).

Nessa direção, é por levar a sério, ou melhor, por ser afetado por outros saberes, por exemplo, o mandamento do “não matarás” ou mesmo o “Ama a teu próximo como a ti mesmo” – que, segundo Freud ([1930] 1996, p. 149), “constitui a defesa mais forte contra a agressividade humana e um excelente exemplo dos procedimentos não psicológicos do superego cultural” – que, vinculando-se à Formação Discursiva do discurso de ódio, o sujeito digital autor do comentário precisa pedir desculpas ou verbalizar atenuantes para desejar a morte do outro. Contraidentificado, então, é o sujeito que, em uma posição x, é “flagrado” ressoando saberes conflituosos em relação a x em uma dada Formação Discursiva, mas que são devidos à sua identificação com posições y, z etc. em outra Formação Discursiva.

¹¹ Pêcheux ([1975] 2009) nos fala sobre a identificação, a contraidentificação e a desidentificação, que são três modalidades, isto é, três modos de o sujeito se relacionar com uma Formação Discursiva. A primeira modalidade diz sobre o sujeito que entra em concordância com os saberes da Formação Discursiva em relação à qual ele se torna sujeito; na segunda modalidade, diferente da primeira, a concordância é “arranhada” por algum tipo de estranhamento, que pode se manifestar sob a forma do distanciamento, da dúvida, do questionamento, da contestação etc. Nesse caso, o sujeito, embora permaneça no “terreno” da Formação Discursiva, experimenta algum tipo de “desconforto” em relação aos saberes ali organizados/disponibilizados. A terceira modalidade nos diz sobre o “trânsito” do sujeito, que deixa de se vincular a uma Formação Discursiva, tornando-se sujeito de uma outra. Isso significa que esse “trânsito” não corresponde a um ato de liberdade radical do sujeito, como que alheio ao ideológico; na verdade, a desidentificação já supõe a interpelação ideológica do sujeito como sujeito de uma outra Formação Discursiva.



Retomando para prosseguir: essa falha no ritual ideológico (no caso, da constituição do sujeito digital em sujeito na posição A da Formação Discursiva do discurso de ódio) é o que possibilita algum tipo de movimento do sujeito (no caso, a contraidentificação com a referida Formação Discursiva) em relação ao saber de uma dada Formação Discursiva. Para a Análise de Discurso materialista, isto pode ser compreendido enquanto efeito de resistência, o que não significa, é importantíssimo dizer, que se trate sempre e necessariamente de um ato voluntário e/ou consciente, inclusive incompatível com o modo não subjetivo de pensar o sujeito, que caracteriza a Análise de Discurso materialista (PÊCHEUX, [1975] 2009).

Passemos, agora, às Sequências Discursivas. Como eu havia dito, a Sequência Discursiva “1” funciona como uma réplica ao comentário sobre o qual eu falava há pouco. Trata-se de um “puxão de orelha”, um alerta de um sujeito digital que está, político-partidariamente, na mesma posição do autor do comentário replicado (uma posição de Esquerda), mas que, diferente daquele, não está identificado (ou está contraidentificado) com a Formação Discursiva do discurso de ódio, na posição A.

Destaco que, na Sequência Discursiva “1”, o sujeito digital afirma não ter qualquer apreço por Bolsonaro, o que é uma característica, acredito poder dizer, generalizada, embora não exclusiva, entre sujeitos de Esquerda. Destaco que não ter apreço não significa necessariamente produzir discurso de ódio contra o outro. Então, gostar ou não gostar de um político é perfeitamente possível na vinculação a uma Formação Discursiva político-partidária; é legítimo.

Na Sequência Discursiva “1”, o sujeito entende que o discurso de ódio caracteriza alguns seguidores de Bolsonaro. De alguma forma, embora ele tenda a localizar o discurso de ódio como uma prática de alguns eleitores de Bolsonaro, por isso mesmo, como de (extrema) Direita, ele aponta, pela necessidade de sua intervenção, que alguém da Esquerda também pode produzir discurso de ódio, já que esse sujeito digital autor de “1” identifica como discurso de ódio o que um aliado da Esquerda produz.

Reitero que o discurso de ódio é realizado a partir de uma Formação Discursiva do discurso de ódio, com a qual podem se identificar, entre outros, sujeito digitais que podem ser, político-partidariamente, tanto de Direita quanto de Esquerda, ou que assumam posições outras, possíveis ao longo desse “espectro”. Isso quer dizer que o discurso de ódio não é autorizado por uma posição político-partidária, embora possa ressoar nesta posição; o discurso de ódio não é uma prática político-partidária, ainda que o flagremos em um comentário de um sujeito digital que também indicia, em sua postagem, sua posição política e partidária. A Formação Discursiva político-partidária pode e tende, dadas as Condições de Produção, sobretudo as dominantes quando da seleção do material, a fazer fronteira com a Formação Discursiva do discurso de ódio (sendo esta pensada como interdiscurso específico daquela), mas não é ela mesma, segundo comproendo, o processo que possibilita a (re)produção do discurso de ódio.

Ao mesmo tempo em que interpreta o discurso de ódio produzido por um aliado, logo depois chamando-o de “consternação”, o sujeito digital, em “1”, orienta seu par no sentido de que existem formas de manifestação que são legítimas e produtivas, o que remete ao ódio frio, de Ziegler (2011), que é uma “sublimação” da violência reativa em atitudes também reativas, mas mais “elevadas”. Ziegler (2011) nos fala, então, de um ódio que se exprime na resistência. Ele não fala apenas de uma resistência. Ele também a chama de ódio, um ódio que se materializa como resistência¹². “Esse ódio

¹² Durante a qualificação da tese, discutimos, eu e a banca, motivados pelo enunciado “não confunda a reação do oprimido com a violência do opressor”, sobre a pertinência, recuperando a discussão de Ziegler (2011), de chamar de



alimenta hoje uma revolta ética, radical e definitiva, que é tanto afetiva quanto econômica e política" (ZIEGLER, 2011, p. 35).

Entendo que, na Sequência Discursiva "1", o sujeito digital, embora não sugira quais formas alternativas haveria, vincula-se a essa discussão. O que ele propõe diz mais sobre o que entendemos, em Análise de Discurso, por resistência. E, aqui, cabe recuperar um momento específico da produção intelectual de Michel Pêcheux, que, em "Delimitações, inversões, deslocamentos", enumera alguns gestos de resistência:

[...] não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar os sentidos das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com palavras (PÊCHEUX, [1982], 1990, p. 17).

São, portanto, formas de resistência, entre outras coisas, não fazer o que se espera e desobedecer a uma determinada lógica. Atualmente, quando, muitas vezes, vemos naturalizado que ódio paga-se com ódio, isto potencializado por características do ambiente virtual, mas também por uma certa imagem dominante acerca do espaço virtual (FRANÇA; GRIGOLETTO, 2018) ainda visto regularmente como espaço da expressão máxima da "liberdade de expressão" – e não nos deixa mentir a problemática da regulação das redes sociais – não fazer o que parece já estar naturalizado (isto é, responder ódio com ódio), desobedecer a uma lógica de intolerância, isto é um ato/gesto que produz efeito de resistência. E, mais uma vez, não necessariamente por voluntarismo, nem por um ato conscientemente calculado pelo sujeito, como argumenta Orlandi (2012, p. 231, destaque da autora):

Na falha, ela [a ideologia] se abre em ruptura, onde o sujeito pode irromper com seus outros sentidos e com eles ecoar na história. Condição para que os sujeitos e os sentidos possam ser outros, "fazendo sentido do interior do não sentido". É a isto que chamo *resistência*. E não ao voluntarismo inscrito em teorias que se sustentam na onipotência dos sujeitos e dos sentidos que mudam à vontade. Somos sujeitos interpelados pela ideologia e é só pelo trabalho e pela necessidade histórica de resistência que a ruptura se dá quando a língua se abre em falha, na falha da ideologia, enquanto o Estado falha, estruturalmente, em sua articulação

ódio a reação de alguns povos, ainda que "ódio frio", o que nos leva também à problematização do ódio de reação de Liiceanu (2014, p. 20.), aquele ódio moral, conforme o autor. De alguma maneira, minha recusa a essa associação deve-se ao sentido dominante de ódio. Sabedor de que memórias a palavra ódio costuma suscitar, a que discursos costuma se filiar – e também, acredito, considerando impactos políticos negativos que a designação assim acabaria por produzir – acabei por recusar a desestabilização proposta sobretudo na designação de Ziegler (2011). Nesse sentido, é importante diferenciar "discurso de ódio de partida" – aquele deflagrado contra alguém "sem motivos"; "discurso de ódio de reação" – a reação violenta à violência sofrida –, e "resistência" (FRANÇA, 2019a, p. 253), que seria ainda uma reação ao discurso de ódio sofrido, mas uma reação que não se baseia na lógica do "chumbo trocado". Uma reação tal como a que Ziegler (2011) descreve como ódio frio, mas sem a associação à palavra ódio. Um revoltar-se, mas sem "armas".



do simbólico com o político. Não é, pois, pela magia, nem pela vontade, mas pela praxis que a resistência toma seu lugar.

Na Sequência Discursiva “1”, entende-se que discurso de ódio não é uma forma legítima de demonstrar inconformismo político (“Discurso de ódio não traz vantagens”). Então, mesmo sem formular medidas que seriam adequadas, marca-se a inadequação da reação ao discurso de ódio que produz mais discurso de ódio, isto é, nega-se vincular-se à insensatez que é limpar a mancha de sangue com mais sangue¹³.

A Sequência Discursiva “2” é também uma réplica ao comentário já mencionado. Como em “1”, o discurso de ódio caracterizaria as práticas de outro grupo em relação ao qual o sujeito digital diz-se superior (“Não somos fascistas como eles”). Não reproduzir o discurso de ódio é uma maneira de manter-se diferente de outros sujeitos (“Se usarmos as mesmas armas deles, em nada seremos superiores”), o que não deixa de ser um autoelogio (fascistas são os outros; é o outro quem invade a integridade do adversário).

É interessante que, em “1” e em “2”, os sujeitos digitais leem o discurso de ódio como incompatível para uma posição de sujeito de Esquerda, não obstante o que criticam sejam práticas de sujeitos digitais que são também, além de sujeitos de discurso de ódio, sujeitos de Esquerda.

Assim como em “1”, o sujeito digital autor de “2”, constituído também como sujeito de Esquerda, está sob o efeito da evidência (ou seja, sob efeito ideológico) de que o mal está no outro, sem se dar conta, apesar dos indícios em relação aos quais ele se manifesta, de que a posição de sujeito de discurso de ódio pode ser lugar de identificação de diferentes sujeitos digitais, sem que haja, portanto, um pré-requisito, um condicionante em relação à lateralidade política. Isto é, o discurso de ódio não é uma arma “deles”, mas está disponível para quem com a Formação Discursiva do discurso de ódio se identificar, isto é, para todos que se constituírem como sujeitos na posição A dessa Formação Discursiva.

Na Sequência Discursiva “3”, o sujeito digital entende que desejar a morte de Bolsonaro é tornar-se “baixo” como ele é, e se nega a isso (“Eu não me rebaixo ao nível dele”). Não ser como Bolsonaro é ser elevado, já que ele é baixo, e, aqui, flagramos um complexo jogo imaginário que serve como argumento da diferença e da hierarquização entre as imagens de si e do outro. Mais uma vez, apontar o discurso de ódio como sendo característica de um outro, além de poder ser associado a um efeito de resistência de quem se nega a produzir discurso de ódio, é manter a autoimagem na mais alta conta¹⁴.

É interessante, na Sequência Discursiva “3”, que se reconhece a baixeza do outro, que, sendo quem é, merece repúdio. Mas, e aqui o autoelogio é marcado, apesar disso tudo (sendo quem é, baixo e mercedor), o sujeito digital, do alto de sua decência e sua civilidade, não deseja nem a morte dele. Talvez não por ser bom necessariamente, mas para não se tornar como aquele a quem critica; para poder seguir dizendo que o outro é mau, e o é na medida que “eu sou bom, como

¹³ Aguinis (2003, p. 36) cita Bertha von Suttner: “a nadie se le ocurre borrar una mancha de tinta con tinta ni una mancha de aceite con aceite; pero para las manchas de sangre no se encuentra nada mejor que otra mancha de sangre”. Eis a insensatez.

¹⁴ Uma regularidade que pude observar com o trabalho da tese (FRANÇA, 2019a) foi que o discurso de ódio é interpretado como sendo algo que o outro produz; quando muito, “nós” reagimos ao discurso de ódio do outro. É, portanto, quase sempre posto a uma certa distância, o discurso de ódio; distância suficiente para que não seja maculada a imagem de si.



demonstram meus atos e minha benevolência". Ou seja, o argumento é para que não se amalgamem e, assim, se confundam as imagens de si e a do outro.

Por fim, na Sequência Discursiva “4”, o sujeito digital, como nas demais, reage ao discurso de ódio manifesto por outros sujeitos digitais que, como ele, são também sujeitos político-partidários de Esquerda, mas que, diferente dele, se subjetivam também enquanto sujeitos do discurso de ódio na posição A. Segundo o sujeito digital autor da quarta Sequência Discursiva, independente de quem seja, “fazer troça com o problema de saúde não é correto”. Essa afirmação aponta que o efeito de perda da piedade não se realizou, que o imaginário de desumanização não foi determinante para a prática desse sujeito digital. Uma vez que ele não está identificado como sujeito do discurso de ódio, é possível orientar o outro, já que se vê a uma certa distância. Mais um chamado, portanto, a resistir à lógica cíclica do discurso de ódio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas quatro Sequências Discursivas agrupadas em rede, encontro reações de sujeitos digitais de Esquerda contra o discurso de ódio produzido por seus pares, isto é, discursos de resistência ao discurso de ódio. Esse alerta que esses sujeitos digitais de Esquerda fazem aos seus pares parece ainda mais importante, porque o discurso de ódio dos pares, no caso, foi produzido contra Bolsonaro, quem, eu afirmei na tese, funciona, muitas vezes, como “garoto propaganda” do discurso de ódio, um incentivador ou mesmo porta-voz, e contra quem pode ser difícil não ceder à insensatez do discurso de ódio.

As Sequências Discursivas analisadas representam uma forma de resistência que consiste na orientação dada por sujeitos de Esquerda a seus pares; é uma forma de resistência se contrapor à tentação de devolver na mesma moeda, ainda mais em um ambiente que, mais regularmente, parece naturalizar o discurso de ódio, como é o espaço virtual, onde, por uma certa relação imaginária, parece ser exacerbado o “fato” de que “la violencia late en nuestra cabeza y en nuestros músculos” (AGUINIS, 2003, p. 19).

Contrapor-se ao ódio, não ceder à reprodução do discurso de ódio é uma tarefa árdua, parece. Não é de pouca importância, entretanto, dizer que, no modo como comprehendo, qualquer um pode vir a ser sujeito do discurso de ódio, na posição A ou B. Ou seja, é possível essa intercambialidade, embora as condições dominantes não nos permitam vislumbrar. É possível, mas improvável. Assim como é possível, pelos mesmos motivos, que diferentes sujeitos se constituam como sujeitos em uma posição de resistência, inscrevendo diferentes possibilidades no fio do discurso.

Se encontramos no espaço virtual um ambiente que facilitou a vida de quem odeia (CARNAL, 2017), isto é, um ambiente no qual o ritual ideológico que interpela sujeitos digitais em sujeitos do discurso de ódio na posição A mostra-se potente e contumaz, e, em muitos cenários, dominante, há que se lembrar, sempre, que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, [1975], 2009, p. 281).

REFERÊNCIAS

AGUINIS, Marcos. **Las redes del odio**: recursos para desactivar la violencia. Buenos Aires: Planeta, 2003.

ALTHUSSER, Louis. [1969] A propósito da Ideologia. In: ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 193-228.



ANDRADE, Carlos Drummond. A flor e a náusea. *In: ANDRADE, Carlos Drummond. A rosa do povo.* Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 15-17.

ARENKT, Hannah. [1963] **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. [1989] **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARNAL, Leandro. **Todos contra todos**: o ódio nosso de cada dia. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

COURTINE, Jean-Jacques. [1981] **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

DIAS, Cristiane. O tempo das máquinas algorítmicas de leitura. *In: GRIGOETTO, Evandra; CARNEIRO, Thiago César da Costa (org.). Diálogos com Analistas de Discurso*: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje. Campinas-SP: Pontes Editores, 2023. p. 257-263.

FRANÇA, Thiago Alves; GRIGOETTO, Evandra. Imagens do/no espaço virtual: sobre as condições de produção do discurso de ódio no Facebook. *In: DA SILVA, Francisco Vieira; ABREU, Kélvia Freitas (org.) O império do digital*: teoria, análise e ensino. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018. p. 33-56

FRANÇA, Thiago Alves. **Sentidos e funcionamentos do discurso de ódio em espaços do Facebook**: uma leitura discursiva. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019a.

FRANÇA, Thiago Alves. Discurso de ódio: definições prévias, incompatibilidades e formulação. *In: SILVA, Dalécio S. da; GOMES, Gláucio R. (org.). Análises em (dis)curso*: perspectivas, leituras, diálogos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019b. p. 275-293.

FRANÇA, Thiago Alves. Refletindo sobre o sujeito do discurso de ódio e tomadas de posição pela ingenuidade e pelo cinismo. *In: GRIGOETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S.; SOBRINHO, Helson F. da S. Sujeito, sentido, resistência*: entre a arte e o digital. Campinas, SP: Pontes, 2019c. p. 249-268.

FRANÇA, Thiago Alves. Homossexualização da Aids, ódio categorial e discurso de ódio: alguns gestos de composição-análise. *In: GALLI, Fernanda; COSTA, Alcione; NASCIMENTO, Mízael; FRANÇA, Thiago Alves. Práticas contemporâneas em análise do discurso*: gestos (d)e leituras. Recife: EDUFPE, 2021a. p. 203-217.

FRANÇA, Thiago Alves. "Discurso de ódio" em rede: escutas, disputas, análises. *In: DE LUCAS, Carlos Henrique; SANTOS, Terezinha Oliveira (org.) Temas Contemporâneos em Ciências Humanas e Sociais*. Curitiba: CRV, 2021b. p. 99-122.

FREUD, Sigmund. [1930] O mal-estar na civilização. *In: FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-151.



INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: esta noção ainda merece que lutemos por ela?. *In: Freda Indursky; Maria Cristina Leandro Ferreira. (org.). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.* São Carlos: Clara Luz, 2007. p. 163-172.

LIICEANU, Gabriel. **Do ódio.** Campinas: Vide Editorial, 2014.

LIMA, Géssica Pereira de Jesus; FRANÇA, Thiago Alves. “Quem é o ‘índio?’”: interpretações de Jair Bolsonaro sobre indígenas. **Leitura**, Maceió, n. 76, p. 219-234, maio/jul.2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14265/10721>. Acesso em: 12 mar. 2025

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. *In: ORLANDI, Eni Puccinelli. Discorso em análise: sujeito, sentido, ideologia.* Campinas: Pontes, 2012. p. 213-234.

PÊCHEUX, Michel. [1976] A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. *In: PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso.* Campinas, SP: Pontes, [1973] 2012. p. 203-226.

PÊCHEUX, Michel. [1969] Análise automática do discurso. *In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.) Por uma análise automática do discurso.* Campinas: Editora Unicamp, 2010. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. [1982] Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cad. Est. Ling.** v. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823/4544> Acesso em: 12 mar. 2025.

PRUINELLI, Andréia. Resistência. *In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.) Glossário de termos do discurso.* Campinas: Pontes, 2020. p. 253-256.

RECUERO, Raquel. **As Redes Sociais na Internet e a Conversação em Rede.** 2012. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/ciseco.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.

REGO, Patrique Lamounier. **Caminhos da Desumanização:** análises e imbricamentos conceituais na tradição e na história ocidental. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília. 2014.

ZIEGLER, Jean. **Ódio ao ocidente.** São Paulo: Cortez, 2011.